



José Cardoso Pires

ARTES DO OLHAR

Diante desta mesa onde escrevo tenho acolá, na parede, a escultura dum lobo-marinho feita por um velho pescador com raízes de urze apanhadas na baía-mar. O homem tinha sido descoberto pelo crítico José Ernesto de Sousa lá para os lados da Póvoa de Varzim num povoado do areal, e foi aí que eu o fui procurar. Ernesto de Sousa descrevia-o como um primitivo sombrio, uma espécie de visionário saído do oceano para revelar criaturas mitológicas trabalhadas pelo mar sobre raízes da terra. Assim ou pouco menos.

“À medida que eu ia juntando estes nós e estas raízes comecei a ver um lobo com uma grande cauda do feitio dum safio para servir de leme. Sabe, nesta coisa da arte, os olhos às vezes adivinham muito mais do que o que vêem.”
Do autor do lobo-marinho guardo o que ouvi dele e a bela peça de madeira trabalhada pela aventura do seu olhar.

Quando bati à porta do artista era Outubro batido por ondas de meter medo, nunca me esqueço; e nessa tarde de frio achei-me diante dum homenzinho ressequido, rodeado de raízes roubadas às marés, todo ele raízes também, só pele e osso. Mirava-me com uns olhos desconfiados, atrás duma banca onde havia uma navalha aberta em gume vivo como se esperasse um assassino.

E as esculturas?

O Mestre abriu as mãos, desamparado. Pouca coisa, disse. O melhor tinha sido levado por uns senhores do Porto que negociavam em artesanato ou coisa assim. Em todo o caso, chamou a mulher, que foi lá dentro buscar meia dúzia de peças, o que restava. Pouca coisa, de facto. Uma serpente de três cabeças, um peixe-cão (segundo ele) com uma cabeleira de fibras secas, alguns molhos de raízes em colagens delirantes e, no meio daquilo, o lobo-marinho que tenho aqui à minha frente.

“Porquê lobo-marinho?”, perguntei eu quando ele me apresentou a escultura.

“Porque sim”, foi a resposta. “Porque à medida que eu ia juntando estes nós e estas raízes comecei a ver um lobo com uma grande cauda do feitio dum safio para servir de leme. Veio-me aquela ideia, sei lá. Os olhos diziam-me que era um lobo das rochas do mar, e eu, golpe de navalha aqui, golpe ali, fui dando forma e saiu isto. Sabe, nesta coisa da arte os olhos às vezes adivinham muito mais do que o que vêem, não sei se me faço compreender.”

Fez. Do autor do lobo-marinho em breve se deixou de falar, mas eu guardo para sempre o que ouvi dele e a bela peça de madeira trabalhada pela aventura do seu olhar.

Outro olhar, o de Rosa Ramalho. Carregado de malícia, lembram-se?, um olhar tão jocoso como os bonecos da sua galeria.

Pois bem, da Rosa Ramalho conta-se que estava um dia a modelar o barro no seu pátio à beira da estrada quando lhe chegou um vizinho acompanhado dum ourives ambulante.

“Senhora Rosa”, disse o vizinho, “trago-lhe aqui este amigo para vossemecê lhe fazer um santinho igual a um que ele ali tem.”

“Igual, igual, não há nada neste mundo e nem quem seja capaz de o fazer”, disse Rosa Ramalho. E para o ourives: “Mas deixe lá, meu senhor, que se os outros não são capazes eu cá por mim ainda sou menos porque não faço nada por imitação. Só o que me sai da cabeça.” E ficou com os olhos no homem, muito atenta.

Rosa Ramalho tinha uma afilhada que a ajudava na limpeza do barro, na preparação das caldas e noutros arranjos da arte. Era uma rapariga dos seus vinte, vinte e poucos anos que nunca conhecera o pai e cuja mãe morrera de parto para não dizer de vergonha. Rosa Ramalho, que não tirava os olhos do ourives enquanto amassava o barro, correu de repente para casa e chamou-a a toda a pressa.

“Ai, o filho da puta”, segredou-lhe ela; e apontou o ourives parado no pátio. “Olha aquele nariz, olha aquela mancha na orelha. Olha o buraquinho no queixo e o jeito que o gajo dá quando se ri. Vai, rapariga, vai. Vai beijar a mão ao teu pai, antes que o malvado desapareça.”

Se o ourives ambulante deitou a fugir logo que deu de caras com a filha perdida, se rebentou num estouro e se perdeu no ar desfeito em fumo ou se, à maneira camiliana, se abraçou a ela, arrependido, não diz a história da Rosa Ramalho nem isso interessa para o caso.

Interessa, sim, o olhar que ela lhe deitou, mais nada. Um olhar tão bruxo, afinal, como aquele que o artista pescador deitou a um molho de raízes desprezadas para descobrir um lobo-marinho. ●